

OS RELACIONAMENTOS INTER-RACIAIS EM DOIS CONTOS DE CUTI

Anderson Caetano dos Santos¹

Resumo: O artigo analisa os contos “Namoro” e “Preto no branco”, de Luiz Silva (Cuti), os quais fazem parte, respectivamente, dos livros *Quizila* e *Negros em contos*, obras lançadas em períodos distintos e que dialogam com a temática dos relacionamentos inter-raciais. Em suas produções, Cuti destaca as relações étnico-raciais no cotidiano da cidade de São Paulo. O dia a dia retratado nos contos permite constatar os conflitos intragrupais, a discriminação racial e as dificuldades de ascensão socioeconômicas. Esse escritor possui uma vasta produção literária que perpassa por contos, poemas, peças de teatro e crítica literária, sendo que ele transita entre o espaço da militância e o acadêmico.

Palavras-chave: relacionamentos inter-raciais. contos. Cuti.

Introdução

A posição assumida por Gilberto Freyre acerca do papel que a miscigenação étnica representou para a colonização portuguesa no Brasil contribuiu para encobrir sua real significação. Para ele, os portugueses estariam predispostos por sua própria formação híbrida, fruto da influência histórica que sofreram dos povos muçulmanos (mouros), à miscigenação. Essa influência teria produzido, no seu entender, um afrouxamento dos preconceitos raciais.

Pode-se dizer que Gilberto Freyre contribuiu para a naturalização da mestiçagem ao atribuir sua origem a um fator constitucional que poderia, segundo ele, ser facilmente demonstrado em relação ao colonizador português. Em outras palavras, em vez de discutir e problematizar mais o conceito de mestiçagem, ele a toma como um dado consumado e inquestionável, decorrente de uma pré-disposição dos colonizadores portugueses.

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolveu defendida menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que

¹ Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil. Atua atualmente na Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, SEDE/SC, Brasil.

aqui, como de Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e autônomas. (FREYRE, 2006, p. 65–66).

A mestiçagem envolve um conjunto heterogêneo de elementos: discursos, ações, leis e programas de instituições. De forma mais específica, ela pode ser entendido como um conjunto de saberes e de estratégias de poder que atua sobre nossa identidade nacional, tendo por objetivo integrar e tornar dóceis as etnias que estão na raiz de nossa nacionalidade (no caso, os indígenas do continente e os negros africanos). É o dispositivo de mestiçagem que dirige e comanda as ações e saberes numa determinada direção, com a intenção de atingir seu objetivo final: criar uma consistência entre todos esses elementos díspares, gerando subjetividades dóceis, mal delimitadas e manipuláveis.

Além disso, esse dispositivo acabou por instaurar certa racionalidade em nosso país, à medida que passou a funcionar como uma estrutura elementar presente em tudo o que tem sido produzido sobre o Brasil e nossa identidade nacional em termos discursivos. Ele se traduz por uma estrutura discursiva elementar que determina nossa forma de pensar e falar sobre o País e sobre o problema racial brasileiro.

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota do africano. (FREYRE, 2006, p. 367).

Como localizar esse dispositivo e seus efeitos? Temos de buscar nos estratos, isto é, nas camadas arqueológicas, os enunciados que permitem o estabelecimento dessa rede discursiva, bem como as estratégias de poder que compõem esse dispositivo. Sua gênese e desenvolvimento apresentou três etapas: do século XVII a meados do século XIX, teve-se a emergência de um saber sobre a mestiçagem no meio religioso, que depois se disseminou entre a população colonial, sendo acolhido pelos intelectuais e pelos políticos brasileiros do período em questão (esse saber era favorável à miscigenação).

Em seguida, na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, esse saber sofreu uma epistemologia, isto é, ganhou um estatuto científico. Tornou-se uma preocupação constante dos cientistas brasileiros (os vários cientistas brasileiros que abordaram esse assunto, nesse momento, apresentaram uma resistência à miscigenação). A partir da década de 1930, ele sofre uma reinterpretação, quando os principais estudiosos brasileiros do assunto passaram a destacar os aspectos positivos da mestiçagem, sendo que então se consolida a ideia de “democracia racial”.²

Os relacionamentos inter-raciais

Apesar da diversidade de arranjos familiares possíveis, a união entre homens e mulheres continua sendo a forma mais comum de dar início a uma família. Não há, no entanto, regras explícitas para a formação de um casal. As uniões podem ocorrer tanto entre grupos homogêneos (pessoas de características semelhantes que se unem – endogamia) quanto entre grupos heterogêneos (união entre pessoas com características distintas – exogamia).

Os relacionamentos exogâmicos podem revelar a transposição das fronteiras sociais com a aceitação de um parceiro com uma característica marcadamente diferenciada. No entanto, compreende-se que essa aceitação pode ser fruto de uma negociação velada, onde o parceiro que possui uma característica de alto **status** aceita se casar com uma pessoa que possui uma característica de baixo **status**, se houver uma compensação de outra característica individual. Nesse caso, casais de raça/cor distintas tendem a compensar essas diferenças por intermédio de outras características, tais como escolaridade, idade ou religião de acordo com a tese *Uniões intra e inter-raciais, status marital, escolaridade e religião no Brasil: um estudo sobre a seletividade*

² Segundo esse mito, as relações de “raça” são harmoniosas e a miscigenação é a contribuição brasileira à civilização do planeta. Seguindo essa linha de pensamento, como não há preconceito de “raça” no Brasil, o atraso social do negro deve-se exclusivamente à escravidão (e não ao racismo). Nessa teoria afirma-se que os brasileiros não veem uns aos **outros** através da lente da “raça” e não abrigam o preconceito racial na relação entre si. Nesse mito, o Brasil é um país promissor devido às suas riquezas naturais, extensão continental e ao seu povo mestiço, trabalhador, alegre e, acima de tudo, hostil à praga do “preconceito de cor”, outro nome dado ao racismo. GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

marital feminina, 1980-2000, de Luciene Aparecida Ferreira de Barros Longo, de 2011.

Em contraste com essas teorias enfatizando a competição no mercado matrimonial, alguns autores sugerem que as pessoas tendem a se casar com pessoas com as quais compartilhem valores e visões de mundo. Dessa forma, semelhanças culturais favoreceriam a atração entre as pessoas, facilitariam a convivência e contribuiriam para o entendimento mútuo [...] (SILVA; RIBEIRO, 2009, p. 13).

No artigo “Cor, Educação e Casamento: Tendências da Seletividade Marital no Brasil, 1960 a 2000”, de Carlos Antonio Costa Ribeiro e Nelson do Valle Silva, de 2009, destaca-se que os relacionamentos inter-raciais no Brasil têm aumentado e que existe uma aceitação maior nas relações entre diferentes grupos étnicos. Essa aceitação tem ocorrido principalmente pela mudança que o Brasil tem sofrido desde a década de 1960. O país expandiu o acesso à educação em todos os níveis e, nos últimos anos, uma expansão ainda maior em nível universitário: aumenta-se, portanto, a possibilidade de ingressar na universidade. Um dos fatores que contribuiu para esse progresso foi a implementação da política de cotas raciais nas universidades.

A análise do relacionamento entre brancos e negros numa interação mais próxima, como é o caso daqueles que estão numa situação conjugal, proporcionamos a oportunidade de perceber justamente **se** e **como**, no decorrer desta interação, circulam os significados de “branquitude” e “negritude”. Casamentos homogêneos são mais comuns e mais passíveis de serem aceitos pela sociedade, principalmente entre as camadas sociais mais altas, pois as chances de haver união entre pessoas socialmente próximas são maiores.

No Brasil, embora cor e status socioeconômico estejam relacionados de alguma forma, o papel da variável raça/cor do mercado matrimonial tem certa autonomia, que é a concessão de status através de um “padrão matripolar”. Esse padrão matripolar engloba o conceito de matripolaridade, referência à situação na qual os atributos de prestígio da mulher são valorizados em detrimento dos atributos masculinos. Nesse caso específico, o homem “escuro” ganha prestígio ao se unir a uma mulher “clara”. (LONGO, 2011, p. 65).

Considera-se o fato de que as pessoas tendem a se casar dentro de seus grupos sociais. A escolha por se unir a um parceiro fora desse grupo pode implicar em uma série de dificuldades, como aceitação pela família, discriminação do casal ou dos filhos que vierem a ter e até mesmo conflitos dentro do próprio relacionamento. As diferenças raciais podem ser um fator de peso na escolha do relacionamento inter-racial, pois podem representar uma mobilidade social para a pessoa de uma raça/cor de menor **status** social que se une a outra de maior **status**.

As diferenças raciais podem ser um fator de peso na escolha marital, pois além de significarem uma posição diferenciada no mercado matrimonial, também podem representar uma mobilidade social para o indivíduo de uma raça/cor de menor status social que se une a outro de maior status. (LONGO, 2011, p. 51).

Estudar casais inter-raciais implica, inevitavelmente, na referência ao fenômeno da mestiçagem que, por sua vez, pressupõe a existência de raças, conceito que tem sido desconstruído pelo pensamento científico desde o final da Segunda Guerra Mundial. Desse modo, a utilização do conceito de raça numa investigação antropológica pode parecer, à primeira vista, equivocada. Neste estudo prevalece o interesse pela construção do conceito de raça, pelo modo como ele é socialmente elaborado.

Por razões analíticas, raça é a categoria privilegiada neste estudo, mas, se entendo que as categorias raça, classe e gênero se apresentam de forma interconexa e, de acordo com o contexto analisado, uma ou outra categoria pode preponderar em relação às outras. Além disso, em que pese a relevância da focalização dos elementos comuns das representações acerca de raça, importa menos o consenso entre elas e mais a multiplicidade dos discursos, o que aponta para a identificação das contradições existentes entre eles. Para isso, o artigo analisa os contos “Namoro” e “Preto no branco”, de Luiz Silva (Cutti). Esses contos estão inseridos nos livros *Quizila* e *Negros em contos*, foram lançados em períodos distintos e dialogam com a temática dos relacionamentos inter-raciais.

“Namoro”

Quizila é o primeiro livro de contos lançado por Cuti, em 1987, e nele destaca-se a temática trazida por protagonistas e demais personagens afro-brasileiros que costumam povoar as novas produções literárias em que se toma o meio afrodescendente como foco. A publicação do livro aconteceu em um momento de reabertura política no Brasil, durante o governo de José Sarney (1985-1990): às vésperas dos cem anos da Abolição da Escravatura no território brasileiro e no mesmo ano da Assembleia Nacional Constituinte de 1987. Naquele período, os assuntos pertinentes aos afro-brasileiros eram debatidos, em sua maioria, em agremiações ligadas ao movimento negro.

O próprio título da obra em estudo remete às matrizes de origem africana: quizila é uma palavra de origem iorubá que teria significados distintos. O primeiro, de acordo com o *Dicionário do Aurélio*,³ reúne noções como: 1 - contrariedade; 2 - zanga; 3 - antipatia; 4 - embirração; 5 - repugnância; 6 - inimizade. O segundo significa: proibição ritual, tabu alimentar de outra natureza. Proveniente do termo multilinguístico **kijila** (do quimbundo) ou **kizila** (do quinguana), tem o seu significado geral relacionado à “proibição”, “castidade”, “jejum”, “tabu alimentar”.⁴

A temática afro insere-se nos sete contos do livro, no qual se percebe facilmente o caráter panfletário e de manifestação da condição do afro-brasileiro. Os protagonistas e os personagens secundários afirmam as suas “identidades” através dos traços corpóreos, das crenças e da religiosidade de matrizes africanas. Além disso, o cotidiano dos personagens demonstra também os conflitos internos, as tensões e as contradições vividas por eles na cidade de São Paulo.

Quizila contém os contos “Sob a alvura das pálpebras”, “Titubeio”, “Impacto poético”, “Quizila”, “Ponto riscado no espelho”, “Namoro” e “Entreato”. Nesses sete contos são abordados temas como: as consequências e desdobramentos da abolição da escravatura brasileira, a segregação racial, os relacionamentos inter-raciais, a pobreza e as questões ligadas aos escritores negros.

³ QUIZILA. In: *Dicionário do Aurélio online*. Curitiba: Positivo, 2008-2017. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/quizila>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

⁴ Cf. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*, p. 555.

O conto “Namoro” trabalha com os preconceitos envolvidos no relacionamento inter-racial. Nessa narrativa vislumbra-se a imagem de duas famílias distintas: a de Maurício (branco), com 16 anos de idade, e a de Bárbara (negra), sua futura namorada com 17 anos de idade. A família do protagonista constitui-se por: seu pai Crispim, um cidadão trabalhador (motorista de ônibus) que se tornou inválido, após um tiro de calibre 22; além da Cecília (mãe). Em relação à Bárbara, a família é composta por: Juvenal (pai), homem que trabalha oito horas por dia na firma, mais quatro em casa; Lucinda, sua esposa; e o irmão da protagonista, João Carlos.

O conto desenrola-se entre um fliperama, uma rua, o metrô de São Paulo e a casa de Bárbara. O narrador é heterodiegético. O ambiente narrativo é marcado por bairros periféricos paulistanos. “Namoro” sugere a separação das pessoas de dois grupos étnicos diferentes por meio de relacionamentos conflituosos. Maurício está no momento de transição para a fase adulta, condição reforçada, na narrativa, pela possibilidade de prestação do serviço militar, por ele conseguir o primeiro emprego como meio-oficial de soldado, bem como por atitudes e comportamentos seus que remetem ao fim da adolescência. Com relação à namorada de Maurício, Barbara, trata-se de uma jovem negra, apelidada na escola de “Chica”, em referência ao filme “Xica da Silva”.⁵ Ela é tímida, tem poucos amigos, além de não ser uma aluna exemplar. O relacionamento entre os dois teve início quando eles eram vizinhos no mesmo bairro, morando a um quarteirão de distância um do outro.

A torcida, na arquibancada do barranco que desce da Rua Quilombolas, agita-se. Era uma final de campeonato da várzea. Bola que rola, gente escorrega, chute pra fora, grito na boca, vai que vai, lateral. Bola na grande área, Maurício mata no peito, desce no barro, prepara, vai chutar (vem alguém de carrinho e joga-o longe em contorções de dores, no meio duma poça d'água). Foi carregado pra fora. Fratura no tornozelo. (CUTI, 1987, p. 40).

As imagens que remetem à cultura negra concentram-se em uma partida de futebol realizada na Rua Quilombolas. Na final do campeonato de futebol de

⁵ Xica da Silva é um filme brasileiro dirigido por Carlos Diegues (Cacá Diegues) em 1976. Ele é baseado no livro homônimo de João Felício dos Santos. Zezé Motta e Walmor Chagas são os protagonistas.

várzea, o irmão de Bárbara, João Carlos, lesiona de modo proposital o protagonista (acostumado a atuar como médio-volante, estranhamente, naquela disputa de domingo, ele ocupava a posição de lateral direito), com uma fratura no tornozelo. Infere-se que a agressão tenha sido motivada pela inveja de João em relação ao protagonista, também por este namorar a sua irmã, além das questões étnico-raciais.

Quanto há temática do futebol, encontramos referência a um dos maiores clássicos do futebol paulista(no) – Palmeiras x Corinthians – por meio do diálogo do protagonista com Benedito (um primo que adorava falar do assunto). Além do futebol, as mulatas do Sargentelli demarcam uma das referências da cultura afro-brasileira na década de 1980, através de um cartaz exposto em uma casa de jogos de fliperama. Sargentelli acabaria ficando conhecido como um “mulatólogo”, tendo aparecido em vários programas de televisão, em festas ligadas ao carnaval e em eventos culturais diversos. A música da Sandrá de Sá está presente através da canção “Olhos Coloridos”⁶, uma referência popular de combate ao racismo no contexto da cultura brasileira.

O pai do protagonista, Crispim, é apresentado como uma pessoa considerada inválida para o trabalho. Apesar disso, antes do fatídico acidente que o tornou coxo, Crispim era um cidadão que conheceu diversos estados brasileiros, tendo se relacionando com várias mulheres em suas viagens. Após o acidente, ele se torna um homem de pouco riso e mantém um relacionamento distante com seu filho, além de apresentar-se emocionalmente debilitado e tendo que enfrentar a realidade das poucas oportunidades de emprego existentes para as pessoas portadoras de alguma deficiência locomotora.

A sentença que exemplifica a condição do negro para conseguir a ascensão social traz a ideia de que o afro-brasileiro teria que demonstrar trabalho dobrado ou triplicado para ter uma situação socioeconômica melhor. “Nós temos que ser, não duas vezes, mas três vezes mais do que eles. Só assim a gente chega lá.” (CUTI, 1987, p. 45). Essa frase foi proferida pelo pai da protagonista, sugerindo que, mesmo após o fim da escravidão, os afro-brasileiros tiveram e têm

⁶ Música lançada no álbum “Sandra de Sá” da cantora homônima, em 1986. A composição foi escrita por Macau, nome artístico de Osvaldo Rui da Costa.

que se submeter ao trabalho oneroso do sistema capitalista para almejar uma possível ascensão social.

– Ah, Lucinda! Isso é contigo, minha santa. Além do mais, é melhor deixar. Desde que seja em casa...

– O branquinho inda hoje esteve aqui. O João Carlos anda dizendo que vai dar uma sova nele.

A palavra “branquinho” foi responsável por ligeiras rugas na testa de Juvenal, que arrematou a conversa, dizendo:

– Espero que ela não tenha decepção – e acocorou preocupações íntimas numa caverna em silêncio, desligando os ouvidos. (CUTI, 1987, p. 45).

Essa cena demonstra o preconceito existente nos relacionamentos interraciais e revela o momento em que Juvenal prevê que o namoro poderia gerar problemas para Bárbara. Aí também são demonstrados os conflitos internos em duas famílias de classe média-baixa. O autor problematiza a dificuldade de manutenção de relacionamentos que envolvam casais cujos membros pertençam a classificações raciais distintas.

A herança colonial faz-se presente ao se mencionar que pessoas de condição étnico-racial diferente não podem interagir em relacionamentos afetivos. O uso da palavra “branquinho”, em sentido pejorativo, revela o preconceito existente na sociedade brasileira. O encontro que demarca as tensões raciais é demonstrado no momento de apresentação de Bárbara à família de Maurício. A imagem que melhor exemplifica o racismo existente na sociedade brasileira é dada pelo pai do protagonista de forma explícita:

– Você tá louco, rapaz! Meu único filho e já vai querer sujar a família!? Idiota! Não quero saber desse tipo de gente aqui em casa! Não admito preto na família! Não admito! – e deu um forte murro na mesa. (CUTI, 1987, p. 48).

Crispim expressa, através de suas ásperas palavras, o atrito entre os grupos étnico-raciais formadores da nação. O vocábulo “sujar” serve para referir-se a cor da pele dos afro-brasileiros em sentido depreciativo. Em outras palavras, esse termo denota que a mestiçagem é proibida entre as famílias e é motivo de vergonha para os que são fruto ou fazem parte dela. Depois desse diálogo, Maurício passa a vagar pelas ruas. Dona Cecília raspava o carvão da fôrma

enquanto o marido, ajoelhado, rezava aos pés de Nossa Senhora Aparecida (a padroeira de cor negra, por sinal). O conto termina com Juvenal pedindo ajuda à santa para apaziguar os ânimos das pessoas. Mais uma vez, a Igreja Católica está inserida no cotidiano das famílias afro-brasileiras, o que simbolizaria o predomínio dessa vertente religiosa nas relações interpessoais.

Bárbara, num canto de seu quarto, envolta no translúcido das lágrimas, enxergava-se menina, escondida no porão da casa, esfregando cândida nas pernas para ver se a cor saía. Carregando seus 90 anos coroados de lucidez, a avó surpreendeu-se:

– Que é que ocê [sic] tá passando aí, menina? Tá ficando doida, tá?

– Ahn?! – assustou-se com a porta se abrindo. A lembrança evaporou-se.

– O que foi, Bárbara, minha filha? Você está chorando...? – era a mãe que entrara no quarto. Abraçaram-se. (CUTI, 1987, p. 49).

Bárbara tenta o clareamento da pele por meio da água sanitária. O branqueamento aparece como um instrumento da idealização de beleza construído durante o colonialismo: o branco. A negação do relacionamento entre esse casal simboliza a impossibilidade de aproximação entre grupos étnico-raciais distintos. Sendo assim, Cuti problematiza as dificuldades encontradas pelos casais para terem a aprovação de seus relacionamentos pelos familiares e pela sociedade em geral.

“Preto no branco”

O conto “Preto no branco” faz parte do livro *Negros em Contos*, de 1996. Tal obra possui vinte sete contos que seguem a mesma temática do primeiro livro de contos lançado por Cuti e intitulado *Quizila* (1987). A obra foi lançada durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso (1995–2003), quando o debate da temática dos afro-brasileiros já havia então ganhado maior alcance e visibilidade.

A obra *Poesia negra brasileira*: antologia (1992), de Zilá Bernd, e os números especiais de *Cadernos Negros* foram publicados no fim dos anos 2000. O conto, forma curta e mais viável de ser publicada em revistas e jornais, é também a preferida pelos escritores do movimento negro. Outra vantagem que

vem explicar essa preferência é a facilidade de difusão dos livros de contos, sem a participação de grandes editoras e distribuidoras.

O realismo é o tom dominante dos textos reunidos em *Negros em Contos*, os quais promovem a denúncia da condição de vida dos negros: o racismo, a discriminação, a miséria, a ignorância, a violência, a delinquência, a injustiça, o abuso de drogas lícitas e ilícitas e a prostituição. Esse livro pode ser lido tanto pelo prisma da presença de negros como personagens nas narrativas, quanto na perspectiva da superabundância de personagens nessa condição.

Em *Negros em Contos*, os personagens procuram a afirmação ou a negação da negritude. Desse modo, alguns se engajam outros não na luta contra o preconceito e a violência simbólica e real que acomete os afro-brasileiros. Nesses contos, a voz dos afro-brasileiros torna-se audível. Assim sendo, exteriorizam-se os sentimentos de revolta e indignação causados pela prática do racismo e da discriminação racial, colocando-se em cena o cotidiano dos personagens e suas relações sociais.

O conto “Preto no branco” possui como protagonista Alberto (Betão), além dos personagens: Baltazar, Marli, Verinha, Rubinho, Dona Vitória, seu Venâncio, Jarbas e João Carlos. O narrador é heretodiegético e o enredo desenrola-se entre os relatos da conversa entre o protagonista e Baltazar e os acontecimentos na casa de Marli. A narrativa situa-se no presente e, durante o diálogo, os dois amigos relatam fatos do passado, sendo os principais temas os relacionamentos inter-raciais.

Nunca vi veneração tão séria em cima de uma cara. Eu fiquei sendo, a partir de um certo ponto, um conselheiro dos dois. E ela? Exagero! Por isso sei muita coisa e posso contar. Me lembro que, depois daquela visita à casa de Marli, apesar das dificuldades com a família dela, meu amigo sentia-se vitorioso. Dizia:

Baltá, o velho eu já dobrei. Agora, a coroa é uma parada! Justamente ela. Eu pensei que fosse a mais fácil. Ela e o moleque, assim chamava o irmão da namorada, aliás o personagem complicador da história. (CUTI, 1996, p. 38).

O bate-papo franco transmite a ideia de que os dois amigos conversam sobre as experiências afetivas em um tom de informalidade. Baltazar é amigo de Alberto e Marli, e esta se comporta como conselheira amorosa dos dois

personagens, uma vez que conhece o ponto de vista dos dois amigos. Nesse aspecto, o texto em itálico indica uma proximidade com as perspectiva dos outros personagens (Alberto e Marli) que perpassa a ideia de familiaridade.

O enredo concentra-se no relacionamento entre Betão (um negro) e sua namorada Marli (uma branca), sendo que se contemplam os dramas vivenciados pelos dois no cotidiano desse casal. O desejo de o protagonista namorar mulheres caucasianas foi aflorado desde a adolescência a partir da ex-namorada Verinha. O questionamento de Baltazar reflete essas questões.

É gosto pela mulher ou desgosto por ser negro? fui questionando. Que isso, Baltazar! Você acha que eu ia negar a raça? Arregalou os olhos. Continui: Vai dar uma de jogador de futebol só porque está com um empreguinho melhor, comprou pé-de-borracha, a favela tá longe?... (CUTI, 1996, p. 35).

A comparação com jogadores de futebol é importante ao contemplar as questões de raça e da classe. Os jogadores de futebol que, em sua maioria, são de origem, acabam relacionando-se ou casando-se com mulheres brancas. Nesse ponto, sugere-se e problematiza-se que a ascensão socioeconômica de um afro-brasileiro seja permitida através do relacionamento com uma mulher branca. A classe social também corrobora para a saída do seu lugar de origem: um bairro periférico para um de classe média-alta ou alta.

O conto descreve a aceitação ou não da família da pretendente quanto ao relacionamento inter-racial. A invocação da memória é recorrente através da citação de antigas namoradas como exemplos de relacionamentos afetivos bem ou malsucedidos. Percebem-se as idas e vindas do pensamento do protagonista que, mesmo com o relacionamento não solucionado, parte para conseguir uma nova namorada.

Sei. Mas, eu preciso testar. Ando a fim de amor, sabe. Você conhece a minha história. É meu melhor amigo. Sabe muito bem que já transei com um bocado de branca. Não é por causa de chochotinha rosada esse meu envolvimento. É que a Marli realmente mexeu fundo, mano, aqui dentro. Não tem essa de racismo, não. Minha mãe também já andou dando os palpites dela. Aliás, de novo me torrou a paciência com a história de Verinha. (CUTI, 1996, p. 36).

Betão já se relacionou com mulheres brancas, sendo que esse é um traço característico demonstrado ao longo do conto. O relacionamento com Verinha marcou significativamente o protagonista devido à afetividade dela. O namoro do passado continua no pensamento de Betão a partir da rememoração constante desse relacionamento da adolescência. “Sempre ao lembrar da ex-namorada, ele ficava com uma tristeza carrancuda, contraindo os lábios, e seu olhar amortecia. Não sei se de remorso ou simplesmente pena.” (CUTI, 1996, p. 36).

A discriminação racial também está presente no conto, porque o protagonista é promovido pela empresa de calçados, onde trabalha, sendo que ele já tinha tentado um cargo de chefia, mas por causa de uma provável discriminação racial, isso não se tornou realidade. Esse fato demonstra as reduzidas possibilidades de ascensão social do negro em cargos de chefia. O racismo estrutural reduz significadamente as chances de um afro-brasileiro formar-se em uma universidade para ter o tão esperado cargo de gestão.

Na fábrica de calçados, quem se dirige para pedir emprego é Rubinho (o cunhado, irmão de sua companheira), mas, ao se deparar com Betão como contratante e entrevistador, ele grita: “*Enfia o emprego no cu. Nêgo nenhum vai me dar ordem!*”, (CUTI, 1996, p. 38). Desse modo, percebe-se que o ódio racial se expressa devido ao fato de Betão ser, além de namorado de sua irmã, o entrevistador e possível futuro patrão naquela empresa. Após, esse incidente, Rubinho tenta matar Betão com duas facadas.

Rubinho é preso e Betão recupera-se dos ferimentos. Sucessivos atritos e conflitos são demonstrados no decorrer do conto. Alguns estão no plano verbal, mas outros chegam à brutalidade do combate físico. Essa é uma das estratégias narrativas recorrente de Cuti, a provocação dos embates discursivos de uma grande parcela dos personagens, para que esses atritos gerem discussões verbais e brigas físicas.

Na cena final, Betão casa-se com Marli sem o consentimento dos pais (Vitória e Venâncio), em uma cerimônia com poucos amigos e familiares. Um dos traços demonstrados do protagonista é o desejo sexual irrefreado pelas mulheres, isto é, ele anseia relacionar-se para obter delas tão somente o prazer sexual: “*Meu negócio com essa daí é só foder. Quando me enjoar, dispenso.*” (CUTI,

1996, p. 37). Cuti vale-se da ironia no conto ao contrapor um protagonista sedento de prazer, cheio de volúpia ao lado de Marli, uma mulher virgem e casta.

Outra ironia de Cuti refere-se ao fato de a avó da protagonista, que é negra, ter aparecido na festa de casamento para macular a alvura pretendida daquela cerimônia. Desse modo, confirma-se o título do conto, pois, a família da namorada tinha traços da cultura negra, mas seus membros tentam negar a origem étnica através do racismo contra aqueles que são visivelmente negros e ameaçam a pretensa “branquitude” dessa família.

Conclusões

A partir dos contos analisados ao longo deste artigo, torna-se evidente a preocupação de Cuti em relação à temática da “identidade negra” na sociedade brasileira. Por meio de um histórico de militância do próprio escritor, que desencadeou em uma sólida formação acadêmica, nota-se que esse intelectual principiou com a temática da formação de associações de movimento negro constante em seu primeiro livro de contos, *Quizila*. Esse caráter de contestação reflete o contexto brasileiro, onde as organizações sociais e o surgimento de partidos políticos afloraram no processo de redemocratização do País, após o período da ditadura militar. Os personagens inseridos nos contos apresentam os conflitos internos, as contradições e as tensões inerentes às pessoas que frequentam esses ambientes.

Alguns traços são notados em relação às preocupações temáticas de Cuti nesses dois contos. A primeira delas remete aos problemas enfrentados pelos afro-brasileiros. Em segundo lugar, o escritor apresenta a subjetividade de ser negro no Brasil. Por meio desse mosaico de personagens exibidos percebem-se narrativas contendo diversos problemas enfrentados pela maioria dos brasileiros, tais como: desemprego, analfabetismo, desigualdade social, violência, racismo, dificuldades financeiras e exclusão social.

Os dois contos ora analisados trabalham com as tensões na apresentação de um parceiro negro a um membro de uma família branca. Esses contos possuem tanto protagonistas negros quanto brancos, os quais demonstram os seus pontos de vistas, conflitos e dramas enquanto cidadãos

brasileiros. O conflito principal de ambas as narrativas reside na aceitação do parceiro(a) negro(a) em um relacionamento inter-racial, sendo a sociedade escravocrata um dos pilares para as diferenças étnico-raciais.

THE INTERRACIAL RELATIONSHIPS IN TWO CUTI'S SHORT STORIES

Abstract: The article analyzes the stories “Namoro” and “Preto no Branco”, by Luiz Silva (Cuti), which are part of the books *Quizila* and *Negros em Contos*, works published in different periods and that dialogue with the theme of relationships interracial relations. In his productions, Cuti highlights ethnic-racial relations in the daily life of the city of São Paulo. The day-to-day portrayed in the stories reveals intra-group conflicts, racial discrimination and socioeconomic uprising difficulties. This writer has a vast literary production that runs through tales, poems, plays and literary criticism, and he transits between the space of militancy and the academic.

Keywords: interracial relationships. short stories. Cuti.

Referências

CUTI [Luiz Silva]. *Negros em Contos*. Belo Horizonte: Mazza, 1996.

_____. *Quizila*. São Paulo: Quilombhoje, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52. ed. São Paulo: Global, 2013.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

LONGO, Luciene Aparecida Ferreira de Barros. *Unões intra e inter-raciais, status marital, escolaridade e religião no Brasil: um estudo sobre a seletividade marital feminina, 1980-2000* (tese). Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, (Doutorado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional); Faculdade de Ciências Econômicas, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AMSA-8HMNFN/tese_luciene_aparecida_ferreira_de_barros_longo_2011.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 mar. 2019.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

QUIZILA. In: *Dicionário do Aurélio online*. Curitiba: Positivo, 2008-2017. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/quizila>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa; SILVA, Nelson V. do Valle. Cor, educação e casamento: tendência da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. *Dados: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p.7-51, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v52n1/v52n1a01>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

Data da Submissão:24/03/2019
Data da Aprovação: 18/06/2019